

**PROPOSTA DE CURRÍCULO PARA O CURSO TÉCNICO DE RECURSOS HUMANOS  
DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO “PROFESSOR JOSÉ VEIGA DA SILVA”  
SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA**

Laryssa da Silva Machado<sup>1</sup>

**RESUMO**

Desde os primórdios da humanidade, o trabalho humano foi dividido. Aos grupos de elite era destinada uma educação intelectual, voltada a formar um cidadão completo. Já os grupos trabalhadores recebiam uma educação técnica, voltada ao trabalho prático. Com o passar dos anos esse tipo de diferenciação não diminuiu. Ainda hoje, percebe-se a ausência da educação humanística na formação técnica. Mesmo que inúmeros autores afirmem que a educação humanística é fundamental para a formação do trabalhador, ainda assim, os cursos técnicos não oferecem aos seus alunos esse tipo de formação. O presente trabalho analisa o currículo técnico do curso de Recursos Humanos da Escola Estadual “Professor José Veiga da Silva”, em Maratáizes-ES, observando a ausência de educação humanística na matriz curricular do curso, além de pesquisa realizada com os alunos, comprovando que a ausência da mesma é sentida pelos futuros profissionais de Recursos Humanos. Como resultado, o trabalho apresenta uma proposta curricular, acrescentando um módulo a mais no curso que contemple as disciplinas que, segundo a pesquisa, os alunos sentem falta, sendo estas baseadas na educação humanística.

**Palavras-Chaves:** Educação Humanística. Professor José Veiga da Silva. Proposta curricular. Recursos Humanos.

**PROPOSED CURRICULUM FOR TECHNICIAN COURSE OF HUMAN RESOURCES OF  
STATE SCHOOL HIGH SCHOOL "PROFESSOR JOSEPH VEIGA DA SILVA" UNDER  
THE EDUCATION PERSPECTIVE HUMANISTIC**

**Abstract**

Since the dawn of humanity, human labor was divided. The elite groups was intended an intellectual education, aimed to form a full citizen. In contrast, workers groups received a technical education focused on practical work. Over the years this type of differentiation has not diminished. Even today, we see the lack of humanistic education in technical training. Even though many authors state that the humanistic education is essential for the formation of worker still technical courses do not offer their students this type of training. This paper analyzes the technical curriculum of Human Resources program of the State School "Professor José Veiga da Silva" in Maratáizes-ES, noting the absence of humanistic education in the curriculum of the course, in addition to research with students, proving that the lack of it is felt by future HR professionals. As a result, the

---

<sup>1</sup> Centro Universitário São Camilo. Maratáizes – ES  
Autor para correspondência: [assyral@gmail.com](mailto:assyral@gmail.com)

*Submetido em: 28/04/2018*  
*Aceito em: 22/11/2018*

work presents a curriculum proposal, adding a module over the course covering the disciplines, according to the survey, students miss, which are based on humanistic education.

**Key Words:** Education Humanistic. Professor José Veiga da Silva. Curriculum proposal. Human Resources.

## INTRODUÇÃO

O homem e o trabalho sempre tiveram uma relação íntima. Foi à capacidade de desenvolver tecnologia que distinguiu a espécie *Homo* das demais espécies, tornando possível o domínio do ser humano no planeta. Através do seu trabalho, o homem conseguiu modificar a natureza e, à medida que a sociedade foi se desenvolvendo, estruturar essas atividades foi essencial para a organização da mesma. Segundo Saviani (2007, p.152) “[...] trabalho e educação são atividades especificamente humanas.”

As comunidades primitivas tinham uma concepção de trabalho e de educação completamente diferente da atual. Para estas comunidades, a identidade do grupo era adquirida através da relação entre trabalho e educação. Saviani explica que

Os homens aprendiam a produzir sua existência no próprio ato de produzi-la. Eles aprendiam a trabalhar, trabalhando. Lidando com a natureza, relacionando-se uns com os outros, os homens educavam-se e educavam as novas gerações [...] Assim, enquanto os elementos não validados pela experiência são afastados, aqueles cuja eficácia a experiência corrobora necessitam ser preservados e transmitidos às novas gerações no interesse da comunidade da espécie. (SAVIANI, 2007, p. 154)

Isso, porém, fez com que houvesse uma hierarquização das funções, tornando umas mais importantes que as outras. Os que ocupavam cargos intelectuais acabavam se tornando dominadores daqueles que ocupavam funções manuais. Essa divisão no trabalho fez com que a sociedade se dividisse, dividindo também o tipo de educação, pois, o grupo dominante não deveria aprender as mesmas coisas que o grupo dominado, e vice versa.

Assim, se nas sociedades primitivas, caracterizadas pelo modo coletivo de produção da existência humana, a educação consistia numa ação espontânea, não diferenciada das outras formas de ação desenvolvidas pelo homem, coincidindo inteiramente com o processo de trabalho que era comum a todos os membros da comunidade, com a divisão dos homens em classes a educação também resulta dividida; diferencia-se, em conseqüência, a educação destinada à classe dominante daquela a que tem acesso a classe dominada. E é aí que se localiza a origem da escola. A educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho (SAVIANI, 2007, p.155-156).

A sociedade, assim, intelectualizou um grupo e rebaixou o outro a conhecimentos práticos, como se ambos não pudessem aprender as mesmas coisas. Anos mais tarde, autores como Karl Marx e Friedrich Engels (século XIX) e o filósofo italiano, Antonio Gramsci (início do século XX), dentre outros, analisando essas relações de trabalho educacionais, criticaram as mesmas. Gramsci, *Revista Ifes Ciência*, v.4, n.2, 2018 – Instituto Federal do Espírito Santo

especificamente, como revela Attilio Monasta, criticou a seguinte situação entre o trabalho manual e intelectual:

[...] a crítica à distinção tradicional entre o ‘trabalho manual’ e o ‘trabalho intelectual’ é um dos elementos mais importantes para a elaboração de uma nova teoria da educação. Segundo Gramsci, essa distinção é ideológica, na medida em que desvia a atenção das funções reais, no interior da vida social e produtiva, para os ‘aspectos técnicos’ do trabalho. Em qualquer trabalho físico, até mesmo no mais degradante e mecânico, existe um mínimo de atividade intelectual. Assim, portanto, podemos dizer que todos os homens são intelectuais: porém nem todos exercem a função de intelectuais na sociedade. Não existe atividade humana da qual se possa excluir absolutamente alguma participação intelectual: não é possível separar o *homo faber* do *homo sapiens* (MONASTA 2010, p. 21).

Bergson, em sua obra “Evolução Criadora” (1979), ao analisar o desenvolvimento impulsivo vital, observa que, o conceito de inteligência humana é definido pela capacidade de fabricação de objetos artificiais, que lhe permitiram seguir no processo evolutivo. Ou seja, a capacidade cognitiva humana está diretamente relacionada ao trabalho, a capacidade de fabricar instrumentos que podem ser utilizados para trabalhar.

Se pudéssemos nos despir de todo orgulho, se para definir nossa espécie, nos ativéssemos estritamente ao que a história e pré-história nos apresentam como a característica constante do homem e da inteligência, talvez não disséssemos *Homo sapiens*, mas *Homo faber*. Em conclusão, a inteligência, encarada no que parece ser o seu empenho original, é a faculdade de fabricar objetos artificiais, sobretudo ferramentas para fazer ferramentas e de diversificar ao infinito a fabricação delas (BERGSON *apud* SAVIANI, 2007, p. 153).

Apesar dessas críticas, a educação continua sendo dividida em grupos sociais. Observa-se tal proposição ao se analisar o currículo da educação profissional e tecnológica (EPT). A ausência de conteúdos humanísticos, observada através da análise curricular realizada, faz com que a EPT continue com um currículo baseado nos moldes antigos, onde ensinar o sujeito a pensar e se perceber como ser importante socialmente, continua não sendo prioridade.

Esse trabalho pretende mostrar essa diferença educacional, bem como, refletir nessa desigualdade educacional e social que ainda acontece. Essa constatação ocorrerá através de análise bibliográfica e pesquisa qualitativa realizada no curso técnico em Recursos Humanos da Escola Estadual “Professor José Veiga da Silva”.

Discutir a respeito da educação humanística é algo que precisa acontecer já que, preocupar-se com a formação do sujeito pensante e reflexivo é fundamental na busca de uma sociedade menos excludente e desigual. O trabalhador, peça chave nas relações sociais e de trabalho, precisa estar ciente de seu papel social, sua importância como engrenagem fundamental, e não descartável, em nossa sociedade.

O presente trabalho problematiza a ausência de conteúdos humanísticos no currículo da EPT, analisando o currículo do curso técnico em Recursos Humanos na Escola Estadual de Ensino Médio “José Veiga da Silva” em Marataízes-ES. Esta análise foi realizada sob a perspectiva da Educação

Humanística. Como objetivo geral, este trabalho quer propor a EEEM “Professor José Veiga da Silva” que desenvolva no curso técnico em Recursos Humanos um currículo voltado para a formação humanística.

O trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos: destacar a importância da formação humanística para a diminuição da alienação da classe trabalhadora, criando mão de obra consciente de seu papel social; analisar o currículo do curso técnico em Recursos Humanos da EEEM “Professor José Veiga da Silva” sob a perspectiva da educação humanística; identificar se os alunos do curso técnico em Recursos Humanos reconhecem a educação humanística e conseguem entender a importância da mesma para a formação da mão de obra qualificada e consciente de seu papel social; e propor uma mudança curricular no curso técnico em Recursos Humanos da escola estadual “Professor José Veiga da Silva”, acrescentando ao mesmo disciplinas humanísticas que melhorarão a formação profissional dos alunos do referente curso.

A metodologia utilizada na execução do trabalho consistiu em uma análise curricular do curso técnico em Recursos Humanos da Escola Estadual Professor José Veiga da Silva, que foi complementada por uma pesquisa bibliográfica inspirada em obras sobre a Educação Humanística. Além disso, também realizou-se uma pesquisa qualitativa, realizada através de questionário e entrevista livre com alunos, professores e coordenação do curso citado, mostrando como a ausência de conteúdo humanístico é prejudicial a formação dos alunos e futuros técnicos em Recursos Humanos.

Fundamentando esta pesquisa, além de Antonio Gramsci (2010), autor já citado, foram utilizadas obras dos autores Karl Marx e Friedrich Engels (2002), Demerval Saviani (2007), Gaudêncio Frigotto (2008), Henri Bergson (1979), Attilio Monasta (2010), Maria Lúcia de Arruda Aranha (1996), Alberto Tosi Rodrigues (2002), Elaine Pesente Soares (2011), Edgar Carvalho (2011), Edgar Morin (2002), Indiana Reis da Silva Beceveli (2011), Paulo Freire (1985), Larissa F. Zanin (2011), Marise N. Ramos (2005), Maria Ciavatta (2005), Helenice M. Sbrogio Muramoto (1991), Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1984/1970), Maria Clara Bueno Fischer e Naira Lisboa Franzoi (2009). O diálogo com esses autores foi fundamental na execução do trabalho, pois estes trouxeram sua visão sobre a educação humanística.

## **DOIS MODELOS DE EDUCAÇÃO: A EDUCAÇÃO PARA ALIENAÇÃO E PARA A EMANCIPAÇÃO**

Há quem diga que a educação é o bem mais precioso que um indivíduo pode ter. E de fato, a educação é a porta para o mundo intelectual, para o mundo das ciências, que é tão importante em *Revista Ifes Ciência*, v.4, n.2, 2018 – Instituto Federal do Espírito Santo

nosso contexto social. “A educação promove a construção da personalidade social e, por isso, não se desvincula da situação concreta em que se insere” (ARANHA, 1996, p.33).

É comum achar que a educação é neutra, apolítica, sem nenhum objetivo que a impulsione, porém, isso é uma ilusão, já que, a escola faz parte da sociedade na qual esta inserida, que por sua vez, é formada por grupos sociais distintos, que influenciam aquela. É um ciclo onde a sociedade influencia a escola que influencia a sociedade. Cada grupo social presente na sociedade acaba influenciando a escola de uma maneira diferente, por isso, esta serve ao grupo social dominante, por isto ela não pode ser neutra ou apolítica.

Assim, esta escola que acreditamos ser neutra, desprovida de ideologia, onde os professores respeitam a consciência e a liberdade do aluno, conduzindo-os a emancipação, moralidade através dos conhecimentos libertários, na verdade é um aparelho ideológico do Estado, influenciado pela classe dominante, que desempenha um papel determinante na reprodução das relações de poder. Bourdieu e Passeron discutem em sua obra “a necessidade de se legitimar a escola como reprodutora de força de trabalho.” (apud CARNOY, 1984) Eles trabalham com o conceito de “violência simbólica”, que acaba alienando o sujeito, uma vez que o “poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força” (apud MATOS, 1994)

Esse modelo de escola acima citado é o que Marx e Engels chamam de “Educação para Alienação”. Para os autores, não existe educação. “Conforme o conteúdo de classe ao qual estiver exposta, ela pode ser uma educação para alienação ou uma educação para a emancipação.” (apud, RODRIGUES, 2002, p. 49) Mesmo assim, Marx via na educação uma arma valiosa na busca pela emancipação do ser humano.

Essa distinção na educação surgiu desde a antiguidade, com o surgimento do Estado e das classes sociais, graças à diferenciação entre o trabalho intelectual, que era destinada a classe social dominante e o trabalho manual, que era designado as classes subordinadas. Saviani descreve uma linha do tempo nas disparidades entre escola e trabalho.

[...] a escola, desde suas origens, foi posta do lado do trabalho intelectual; constitui-se num instrumento para a preparação dos futuros dirigentes que se exercitavam não apenas nas funções da guerra (liderança militar), mas também nas funções de mando (liderança política), por meio do domínio da arte da palavra e do conhecimento dos fenômenos naturais e das regras de convivência social [...] isso foi detectado no Egito desde as primeiras dinastias até o surgimento do escriba, assim como na Grécia, em Roma e na Idade Média, cujas escolas, restritas, cumpriam a função de preparar os também restritos quadros dirigentes (intelectuais) então requeridos. Nesses contextos, as funções manuais não exigiam preparo escolar. A formação dos trabalhadores dava-se como concomitante exercício das respectivas funções. Mesmo no caso em que se atingiu alto grau de especialização, como no artesanato medieval, o sistema de aprendizado de longa duração ficava a cargo das próprias corporações de ofícios: o aprendiz adquiria o domínio do ofício

exercendo-o juntamente com os oficiais, com a orientação do mestre, por isso mesmo chamado de “mestre de ofício”. (SAVIANI, 2007, p. 157-158)

Aranha também descreve essa relação desigual, separando educação destinada aos grupos dominantes e a classe trabalhadora.

Desde o início da civilização, [...] sempre que na sociedade são criadas relações hierárquicas, dá-se a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Com isso, aqueles que se ocupam com o trabalho intelectual tendem a desprezar as atividades manuais, enquanto os trabalhadores braçais, ao assumir essa “inferioridade” imposta, deixam de ter clareza teórica suficiente a respeito de sua prática, mantendo-se presos a uma atividade tão intensa e tão dividida que a reflexão se torna quase impossível.” (ARANHA, 1996, p.23)

Essa falta de clareza teórica citada por Aranha se refere justamente a essa diferenciação que se dá na forma de educar os indivíduos para o trabalho, o que causa uma perda de consciência que, para Marx causava a alienação<sup>2</sup>, gerada justamente pela maneira como as classes subordinadas eram educadas. Para Rodrigues, que cita Marx, “[...] o ensino oferecido por este Estado burguês só poderia ensinar os filhos dos operários a moldarem-se a dominação.” (RODRIGUES, 2002, p.54)

Gramsci, ao analisar a educação italiana no começo do século, baseada nas obras de Marx, constatou que “[...] toda atividade prática tende a criar uma escola para os próprios dirigentes e especialistas e, conseqüentemente, tende a criar um grupo de intelectuais especialistas de nível mais elevado, que ensinam nas escolas.” (GRAMSCApud RODRIGUES, 2002, p.93). Isso gera um sistema educacional desigual. Rodrigues ao analisar sua obra, observou que:

De um lado um tipo de escola “humanista”, que te dá uma formação clássica, destinada a desenvolver em cada indivíduo uma cultura geral destinada a dar a cada um, nas palavras de Gramsci, “o poder fundamental de pensar na vida”. De outro lado, surgiram as diversas escolas especializadas, voltadas para a formação específica dos diferentes ramos profissionais, ou baseadas na necessidade de operacionalizar os conteúdos científicos. (RODRIGUES, 2002, p.93)

A primeira escola, citada por Rodrigues (2002), está voltada para a formação da classe dominante, pois busca formar indivíduos completos, graças ao contato com a cultura humanista acumulada ao longo dos séculos, uma escola para intelectuais. Paralelo a este modelo de escola, está a escola técnica, com o objetivo de profissionalizar o indivíduo, para que o mesmo pudesse operar bem seu mecanismo de trabalho. Para Gramsci, esta diferenciação representava a exclusão das classes trabalhadoras a uma formação de qualidade e a exaltação da cultura elitista. Além disso,

[...] a tendência hoje é a de abolir qualquer tipo de “escola desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou conservar delas tão somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as

<sup>2</sup>Para Marx a Alienação acontece quando o trabalho, que antes pertencia ao trabalhador, deixa de pertencê-lo, e este o percebe como algo que está fora de si. Por causa do trabalho alienado a que estão submetidos, os homens adquirem uma consciência falsa do mundo em que vivem, vêem o trabalho alienado e a dominação de uma classe social sobre a outra como fatos naturais e passam, portanto, a compartilhar uma concepção de mundo dentro da qual só têm acesso as aparências, sem ser capazes de compreender o processo histórico real (RODRIGUES, 2002, p.46).

escolas profissionais especializados, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados (GRAMSCI *apud* RODRIGUES, 2002, p.94).

Enfim, pode-se perceber que, a escola não é um ambiente neutro e desprovido de ideologia, muito pelo contrário, a escola esta repleta de interesses. Pelo que se pode perceber através da análise dos autores acima citados, existem vários modelos de escola, que servem tanto para emancipar o indivíduo, tornando-o um capacitado para realizar tarefas intelectuais; quanto para alienar o indivíduo responsável pelo trabalho manual. Ele se torna parte do sistema, sem perceber que, está sendo explorado pela classe dominante.

## **MODELO DE ESCOLA NA VISÃO DE MARX E GRAMSCI**

Levando em consideração as críticas apontadas por Marx, Engels e Gramsci, a respeito da escola para alienação e escola para emancipação, será possível a existência de uma escola que atenda todas as classes sociais sem interesses entre elas? Pois estes dois autores apontaram em suas obras modelos de escolas que atenderiam, segundo eles, as expectativas de todas as classes, sem distinção entre elas.

Para Marx, a preocupação fundamental da educação deveria ser o rompimento com a alienação do trabalho, que era provocada pela divisão do trabalho ocorrida nas fábricas, pois esse seria o primeiro passo para se romper com a passividade do trabalhador frente a ideologia da classe dominante. (RODRIGUES, 2002). Os conteúdos educacionais deviam contemplar três dimensões:

[...] uma educação mental, uma educação física e uma educação tecnológica. [...] educação mental, [...] pode-se deduzir do contexto que seria uma educação elementar para o trabalho intelectual. A educação física seria a educação do corpo tal como oferecida nos ginásios esportivos e no treinamento militar. E, finalmente, a educação tecnológica seria a iniciação das crianças e jovens no manejo dos instrumentos e das máquinas dos diferentes ramos da indústria [...] (RODRIGUES, 2002, p.53)

Marx (*apud* RODRIGUES, 2002) acreditava que a única maneira de uniformizar o ensino seria trabalhar o sujeito em todas as suas capacidades, tanto físicas como intelectuais. Pelo que se pode perceber, contempla todos os níveis essenciais para uma boa educação, pois contempla os níveis intelectual, físico e técnico, tornando assim esses sujeitos completos. Marx acreditava que era preciso substituir o indivíduo parcial, “mero fragmento humano que repete sempre uma operação parcial, pelo indivíduo integralmente desenvolvido, para o qual as diferentes funções sociais não passariam de formas diferentes e sucessivas de sua atividade”. (MARX *apud* RODRIGUES, 2002, p.53)

Pelo que se pode perceber, Marx via na educação uma saída para o fim da alienação sofrida pela classe trabalhadora. Ele acreditava que, através da educação completa do trabalhador, o mesmo poderia transitar de uma função para a outra da produção livremente, sem consequências drásticas, *Revista Ifes Ciência, v.4, n.2, 2018 – Instituto Federal do Espírito Santo*

pois o mesmo já estariapreparado para tal processo. Marx defende a educação como um meio de libertaçãodo operário, que poderia se empregar em todos os aspectos da produção, tanto emfunções manuais como em funções intelectuais.

A educação dará aos jovens a possibilidade de assimilar rapidamente naprática todo o sistema de produção e lhes permitirá passar sucessivamentede um ramo de produção a outro, segundo as necessidades da sociedadeou suas próprias inclinações. Por conseguinte, a educação nos libertarádeste caráter unilateral que a divisão atual do trabalho impõe a cadaindivíduo. Assim, a sociedade organizada sobre bases comunitárias dará aseus membros a possibilidade de empregar em todos os aspectos suasfaculdades desenvolvidas universalmente. (MARX *apud* RODRIGUES,2002, p.57)

Assim como Marx, Gramsci também vê na educação o mecanismo delibertação da opressão causada pelo capitalismo. Ele defendia uma escolaunitária, que englobasse os níveis de Ensino Fundamental e Médio, com umcaráter formativo, equilibrando de forma equânime o desenvolvimento dacapacidade de trabalhar manualmente e intelectualmente, segundo ainda Rodrigues(2002, p. 95)

[...] a preocupação de Gramsci é abrir a todas as classes, e não apenas asdominantes, a capacidade de formar seus próprios intelectuais, pois semisso a luta pelo poder fica extremamente desequilibrada nas sociedadescomplexas. Se todos não tiverem acesso a uma escola que lhes permitauma formação cultural básica, que possa ser eventualmente expandida emseguida, a “batalha as idéias” vai ser sempre ganha pelas classesdominantes.

Enfim, os dois autores acima analisados propõem modelos de escola que, visamlibertar o sujeito da opressão causada pelo sistema. Eles acreditam que, a educaçãoé um mecanismo viável para tal libertação, pois, é através da escola, que os sujeitospodem ter acesso aos saberes necessários para que este processo aconteça. As escolas então devem procurar formar indivíduos completos, que saibamdesempenhar tanto funções manuais como intelectuais, sendo que, todas essas capacidades deverão ser adquiridas na escola.

## **EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

A educação humanística continua sendo um desafio, ainda nos dias de hoje. O desenvolvimento capitalista fez com que, o aumento das diferenças de classe se acentuassem. A Globalização, fenômeno mundial de interligação dos países, que teve início na Segunda Revolução Industrial<sup>3</sup> (século XIX) e se consolidou na segunda metade do século XX, desenvolvendo-se ano após ano, fez com que as relações de trabalho fossem modificadas. Soares faz a seguinte observação sobre a vida do trabalhador no capitalismo

[...] o capitalismo intensifica-se na mesma medida em que a exclusão social, pois a necessidade de qualificação do trabalhador aumenta o nível de desemprego e a destruição

---

<sup>3</sup>A Segunda Revolução Industrial inicia o processo de Globalização graças às invenções surgidas nesse período, como o telefone, navios a vapor, linhas férreas, dentre outras, que facilitaram a locomoção de pessoas e informações por países com mais rapidez. No entanto, a consolidação da Globalização ocorre na metade do século XX, durante a Guerra Fria. *Revista Ifes Ciência, v.4, n.2, 2018 – Instituto Federal do Espírito Santo*



dos direitos trabalhistas cria outro setor paralelo, marcado pela informalidade e pelo individualismo. Assim, o trabalhador fica cada vez mais inseguro de seu futuro (SOARES, 2011, p.128).

Essa nova organização econômica, como já foi dito, afeta diretamente a vida do profissional, fazendo com que o mesmo adquira habilidades múltiplas. Ele deve entender de tudo um pouco, uma vez que, sua função pode ser extinta rapidamente. Para que isso aconteça, a formação deste profissional deve ser voltada para essas múltiplas habilidades. Soares destaca o papel da escola, pois, esta “[...] contribui para a formação integral do trabalhador com profissionais capazes de atuar de forma significativa para sua sobrevivência e da sua comunidade, ou seja, cidadãos críticos e participativos[...].” (SOARES, 2011, p.135).

Infelizmente, essa formação crítica e participativa está longe de ser real para a classe trabalhadora brasileira. Mesmo a Constituição Federal de 1988 garantindo direito a educação a todos, não é o que acontece na realidade. Segundo Carvalho

A maioria dos jovens filhos da classe trabalhadora frequenta um sistema público de educação básica ineficiente e tem que enfrentar um mercado de trabalho competitivo e exigente que requer habilidades e conhecimentos que não foram desenvolvidos no espaço escolar. [...] Os cidadãos que buscam os empregos técnicos, geralmente porque precisam, não tem os pré-requisitos de formação e nem condições sociais de pagar por essa formação. Cria-se uma situação problemática, alicerçada em uma cultura de violência societária que culpa a vítima por sua desgraça (CARVALHO, 2011, p.202).

Fica claro que, a educação ofertada à classe trabalhadora é muito inferior aquela dada as classes dominantes. E, para intensificar tal situação, a formação humanística está longe das turmas de educação profissional. Não se percebe uma tentativa de formar uma sociedade melhor através da educação, ao contrário, o que fica claro, analisando as entrelinhas, é que, a educação brasileira insiste em manter a distinção entre pobres e ricos, perpetuando a separação entre patrão e empregados.

Para Edgar Morin (*apud* BECEVELLI, 2011, p. 171) “[...] a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.” Porém, não é o que se vê nas escolas brasileiras. Se, nas escolas regulares essa concepção de educação está longe de ser real, na educação profissional essa distância é ainda mais gritante. Beceveli, destaca que “A história da educação brasileira aponta que a política educacional do nosso país sempre foi perpassada por mudanças cujas ações, projetos e estratégias muitas vezes a caracterizam/caracterizavam em políticas de governo e não de Estado” (BECEVELLI, 2011, p.178).

Isso só faz com que as diferenças sociais sejam exaltadas. Fica claro que existe uma ausência de políticas que possibilitem uma educação capaz de formar cidadãos críticos e reflexivos, tanto na educação regular quanto na educação profissional. Ao contrário

[...] os projetos resumem-se à reprodução de conhecimento superficial e elementar (conhecimento tático). Esses não asseguram o desenvolvimento de competências complexas que caracterizam o trabalho intelectual. Dessa forma [...] a formação precarizada para trabalhadores precarizados continua sendo o eixo das políticas de Educação Profissional, o que alimenta o consumo predatório da força de trabalho (CARVALHO, 2011, p.208).

Além disso, Beceveli ressalta que “[...] as diversas tendências pedagógicas que constituíram a educação do nosso país foram atravessadas pela exclusão e reprodução das desigualdades sociais [...] um conhecimento [...] que não contribui para a emancipação humana e social” (BECEVELLI, 2011, p.176). É de interesse capitalista que a emancipação humana não ocorra com a classe trabalhadora. Frigotto (2008) defende que essa relação orgânica entre “atraso” e “moderno” é o que define o sistema capitalista, especialmente o brasileiro.

Isto nos permite depreender e sustentar que a classe burguesa brasileira, de cultura e mentalidade escravocrata, colonizadora, historicamente associada e subordinada a classe burguesa dos centros hegemônicos do capitalismo, impediu, mediante ditaduras e golpes, reformas e programas impostos pelo ato, a construção de um projeto nacional de desenvolvimento mediante reformas estruturais que permitissem reduzir a desigualdade social e, num horizonte mais profundo, a busca da superação desta desigualdade mediante a ruptura das relações sociais capitalistas (FRIGOTTO *apud* CARVALHO, 2011, p.204).

Por isso, discutir educação humanística dentro da educação profissional é essencial para que haja uma mudança nessa formação. É preciso, inicialmente, lutar para que a classe trabalhadora receba, na educação básica, os conhecimentos necessários para que possam acompanhar as transformações, questionando a lógica de exploração capitalista e modificando-a. Essa educação de qualidade deve ser estendida a educação profissional, formando trabalhadores aptos ao mercado de trabalho globalizado.

É preciso ter ciência que, a educação emancipadora e humanística não acontecerá do dia para a noite. À medida que a sociedade for se modificando a educação será transformada e vice versa. Paulo Freire, defensor da educação emancipatória defende uma mudança na prática educativa como princípio de uma mudança social.

Eu sei que a prática educativa não muda radicalmente antes que radicalmente mude a sociedade mesma como um todo, antes que a gente transforme as estruturas da sociedade. Mas sei também que não posso esperar pela mudança radical da sociedade para depois então mudar a educação. É possível ir alterando, ir mudando, ir pondo cunhas no sistema educacional. Tudo quanto puder se fazer para melhorar hoje as condições de ensino e viabilizar às crianças e aos adolescentes de hoje numa possibilidade melhor de compreender a realidade; quanto mais se possa fazer isso, melhor (FREIRE, 1985, p. 70).

Só através da educação a realidade social será transformada, formando humanos completos e não apenas trabalhadores. O conhecimento emancipatório é o que liberta o homem, tornando-o mais que um mero cumpridor de ordens, mas um ser humano completo.

Por isso o trabalhador não pode ser reduzido a um simples realizador de tarefas, nem tampouco a prática educativa deverá ser uma simples incidência da ação condutora de uns sobre os outros, pois a vocação natural do ser humano é transformar-se à medida que opera e transforma o mundo (CARVALHO, 2011, p. 213).

Formar um cidadão pleno é libertá-lo para viver com dignidade nesse mundo globalizado. Uma educação reprodutora, que destaca o papel do educador e limita o do educando, que evita o questionamento, a dúvida, a crítica, só “[...] torna o sujeito passivo, adaptável ao mundo para compor os exércitos de operários obedientes e fadigados que o mercado, muitas vezes, exige. Ele não transforma positivamente o sujeito [...]” (CARVALHO, 2011, p.214). Por isso é importante lutar por uma educação humanizada, a fim de evitar a reprodução de meros “operários obedientes”, disponíveis ao mercado de trabalho quando este necessitar.

É preciso que, a educação básica ou profissional e tecnológica, se preocupe em formar cidadãos plenos. Carvalho destaca o papel da escola nessa transformação social. “Cabe a escola possibilitar aos trabalhadores os benefícios do estágio civilizatório em que se encontra a humanidade e buscar o harmonioso desenvolvimento de todas as dimensões humanas [...]” (CARVALHO, 2011, p.214-215).

Fica claro então que, a educação é o caminho que pode transformar a ordem social existente. Mas, para que isso aconteça, é preciso que, a educação assuma sua função social definitivamente. Beceveli (2011, p. 183) defende ser necessário “[...] uma educação básica unitária, politécnica e não dualista, que articule cultura, ciência, tecnologia e trabalho como direito de todos, proporcionando de fato uma sociedade inclusiva.” Mais do que nunca se faz necessário lutar por uma educação igualitária, que inclua conhecimentos técnicos e humanísticos.

Os desafios do Novo Milênio, com as constantes mudanças tecnológicas, exige pessoas aptas a se relacionarem bem com estas transformações. No que diz respeito à formação profissional, é necessário que a Educação Profissional Tecnológica se preocupe em formar sujeitos para o Novo Milênio, que estão dispostos a dialogarem com as transformações do mundo, sendo muito mais que meros trabalhadores. Carvalho afirma que,

[...] a educação profissional deve ser concebida para além do tecnicismo, a fim de superarmos um ensino que, na melhor das hipóteses, contribui apenas para a formação de trabalhadores que respondam somente as demandas imediatas do Mercado. Não se pode, dessa forma, almejar uma qualificação profissional meramente tecnicista, reificadora dos sujeitos (CARVALHO, 2011, p.211).

Enfim, Carvalho (2011) deixa claro que, a educação tecnicista forma trabalhadores imediatos, que conseguem solucionar os problemas pontuais do mercado de trabalho, de acordo com o seu tempo. Porém, à medida que os problemas vão se alterando, este trabalhador que recebeu uma educação limitada, nem sempre consegue se adaptar as novas demandas do mercado de trabalho. Por isso a educação humanística se faz importante, pois assim, ela trará dignidade a fábrica, como afirmou Monasta ao analisar a obra de Gramsci

Façam com que a escola seja realmente escola e que a fábrica não seja um cárcere e terão, então, uma geração apenas composta por homens úteis; úteis porque farão obra profícua nas artes liberais e porque darão à fábrica o que lhe falta: a dignidade, o reconhecimento de sua função, indispensável, a equiparação do operário a qualquer outro profissional (MONASTA, 2010, p.60).

É notório que a Educação Profissional e Tecnológica precisa ir além de formar para o mercado de trabalho, isso porque, quando mudam as demandas do mercado, uma massa de trabalhadores obsoletos são substituídos por outros que conseguem atender aquela demanda específica, e assim, sucessivamente, vão se formando trabalhadores momentâneos, mas que nem sempre conseguem se readaptar as mudanças do sistema globalizado. Lutar por uma educação de qualidade a esses trabalhadores é fundamental para mudança dessa realidade. Soares também comunga dessa ideia, dando a educação profissional à responsabilidade de formar sujeitos capazes de modificar sua própria história e, conseqüentemente, a sociedade. Segundo ela

[...] a educação profissional deve ser o elemento mediador capaz de levar o aluno a perceber-se sujeito de sua própria história e levá-lo a superar a condição imposta pelo mercado capitalista em busca de uma sociedade mais justa e cidadã (SOARES, 2011, p.137).

Fica claro que existe uma diferença grande entre a educação destinada à classe trabalhadora e a classe burguesa e a importância de uma mudança no sistema educacional para que a educação recebida, por ambos os grupos, seja equalizada. Uma mudança de postura por parte dos educadores é um primeiro passo para que essa mudança ocorra. Na educação profissional, especificamente, se faz necessário uma mudança curricular em muitos cursos, analisando-os e inserindo disciplinas que proporcionem ao aluno, futuro trabalhador, uma visão humanística do mundo.

## **OS CURRÍCULOS DE EPT E A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA**

As análises teóricas feitas até então comprovam a disparidade, existente desde o início da sociedade, entre trabalho e educação. Essa diferença vem aumentando ao longo dos tempos, perpetuando as desigualdades sociais existentes entre os grupos dominantes (burguesia) e a classe trabalhadora. Fischer e Franzoi, analisando a educação profissional no Brasil, destacam que

Corresponde a esse lugar subalterno do trabalho na sociedade, um lugar subalterno da educação profissional no interior do sistema educacional. Quando se fala dela, forçadamente se evoca o que se tem exaustivamente chamado de dualidade do sistema educacional: o ensino acadêmico para aqueles que farão sua formação profissional na educação superior, e ensino profissionalizante, já no nível médio, para aqueles cuja entrada no mercado de trabalho dar-se-á precocemente. Essa dualidade, ora formalmente mais marcada, ora menos, nunca se dissolve, de fato, na história do país (FISCHER e FRANZOI, 2009, p. 37).

Essa disparidade, ainda gritante na educação brasileira, só começará a ser amenizada, à medida que for discutida e propostas de mudanças forem lançadas. É preciso dar lugar de destaque a educação profissional, pois esta tem a possibilidade de modificar o sujeito que participa dela, transformando-

*Revista Ifes Ciência, v.4, n.2, 2018 – Instituto Federal do Espírito Santo*

o enquanto trabalhador e enquanto sujeito na sociedade. Soares acredita que a educação profissional tem a responsabilidade de formar sujeitos capazes de modificar sua própria história e, conseqüentemente, a sociedade. Segundo ela “[...] a educação profissional deve ser o elemento mediador capaz de levar o aluno a perceber-se sujeito de sua própria história e levá-lo a superar a condição imposta pelo mercado capitalista em busca de uma sociedade mais justa e cidadã” (SOARES, 2011, p.137).

Essas mudanças passam pela organização do trabalho pedagógico, que irá nortear a formação desse indivíduo, acentuando a importância da função social da escola. O trabalho pedagógico proporcionará um diálogo entre todas os segmentos e peculiaridades que compõem essa modalidade de ensino, tão complexa, uma vez que, preparará o trabalhador para o mercado de trabalho, ou melhor para o mundo do trabalho, tornando-o um sujeito atuante na sociedade. Beceveli destaca que

[...] a organização do trabalho pedagógico é fundamental. A sala de aula é um dos *lôcus* da tessitura do conhecimento. Se almejarmos uma educação emancipatória, nossas práticas não podem se pautar em uma educação puramente tecnicista. A educação profissional e tecnológica deve ter o compromisso de formar indivíduos empreendedores (sic), autônomos, com espírito investigativo e aptos a continuar aprendendo. [...] Para cumprirmos a nossa função social, cabe a nós refletirmos sobre a nossa atuação e discutirmos qual a visão de homem e de sociedade que temos e a que queremos (BECEVELLI, 2011, p. 264-265).

Essa mudança passa, essencialmente pela mudança curricular. Silva destaca a importância do currículo sendo este algo que confere identidade. É no currículo que o aluno encontra a “alma” do curso, aquilo que irá aprender, os conhecimentos que irá adquirir enquanto estiver estudando. Segundo ele

O Currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade (SILVA apud ZANIN, 2011, p. 285).

As palavras de Silva nos revelam como o currículo é um instrumento poderoso, tanto para o indivíduo, por revelar sua trajetória, como para a educação, por ser a trajetória de um curso. É nele que estarão presentes o que é importante para formar o indivíduo. Assim, pode haver, de fato, conteúdos que são relevantes e excluídos outros, propositalmente, alienando aqueles que estão sendo formados. É uma arma poderosíssima nas relações de poder presentes no trabalho, estas existentes desde o princípio da humanidade.

O currículo deve ser pensado de maneira que possibilite ao aluno uma visão do todo em relação ao seu trabalho. Erroneamente, os currículos técnicos, em sua maioria, apresentam conteúdos estritamente relacionados à prática da atividade específica, mas esquece-se que, aquela atividade desenvolvida dialoga com outras atividades que, não estão diretamente relacionadas à atividade de

trabalho inicial. O trabalhador precisa saber problematizar determinadas situações, relacionando-as com questões tecnológicas, científicas, políticas, culturais, etc. Ramos exemplifica o problema da seguinte maneira:

Por exemplo, a construção de uma usina hidrelétrica numa determinada região, problematizada na perspectiva tecnológica evidenciaria teorias, conceitos e procedimentos tecnicocientíficos predominantes da física. Mas, se problematizado, na perspectiva ambiental, por exemplo, evidenciar-se-iam questões, teoria e conceitos da Biologia e Geografia. Mas toda questão ambiental é também econômica e política, portanto, ao ser tratada nessas perspectivas, serão evidenciados conceitos de ciências sociais. Enfim, nenhuma perspectiva em si esgotaria a totalidade do fenômeno (RAMOS apud ZANIN, 2011, p. 293).

Fica claro que, os conteúdos fragmentados ministrados aos alunos de EPT prejudicam sua formação, limitando seus conhecimentos e, conseqüentemente, sua capacidade de problematizar o a situação como um todo. Muramoto aponta que “trabalhadores que não se comunicam horizontalmente, para reflexão de sua prática profissional, tendem a uma visão parcial, truncada, do processo de trabalho, perdendo a possibilidade de controle sobre este processo” (MURAMOTO apud BECEVELLI, 2011, p. 262).

Quando o currículo é fragmentado, essa comunicação horizontal torna-se deficiente, fazendo com que o trabalhador não consiga superar situações de crise, sendo dispensado do trabalho por não conseguir se adaptar as constantes mudanças ocorridas no mercado capitalista. As escolas profissionalizantes, por falha no currículo, acabam formando trabalhadores limitados em sua capacidade de diálogo e problematização com situações que não estão diretamente ligadas as atividades do trabalho em si.

Por isso é importante que, os currículos da educação profissional incluam os conceitos necessários para a execução da atividade, mas também, dando condições para que este seja um trabalhador-cidadão consciente. Ciavatta ensina que é preciso “[...] superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social” (CIAVATTA apud ZANIN, 2011, p. 292).

O trabalho então deve ser encarado muito além da atividade manual em si, mas como um todo, com seu reflexo na sociedade, todas as implicações que aquela ação isolada provoca na coletividade social. Zanin enfatiza que

o trabalho deve ser compreendido também em seu caráter ontológico, ou seja, como essência humana, como modo pelo qual o homem produz a sua essência. Na educação profissional e tecnológica, a compreensão histórica da organização do trabalho vai ao encontro do processo de desenvolvimento da ciência, que reorganiza os modos de produção (ZANIN, 2011, p.302-303).

É notório o potencial da educação profissional nessa perspectiva de mudança social. Beceveli, destacando Ciavatta, discute que

[...] o trabalho como atividade fundamental da vida humana existirá enquanto existirmos. No entanto, o que muda é a natureza do trabalho, as formas de trabalhar, os instrumentos de trabalho e de produção que se constituem de modo diverso ao longo da história da humanidade. Por isso é de suma importância que na educação profissional também cabe criar estratégias e movimentos de discussões em que o trabalho não seja considerado e efetivado apenas produto alienante e massificador do trabalhador, mas fonte de autocriação e emancipação humana e social (BECEVELLI, 2011, p. 183).

Sendo assim, a educação humanística torna-se uma alternativa viável, pois os conteúdos ministrados irão caminhar de acordo com a realidade do aluno, possibilitando ao mesmo, dialogar com a diversidade apresentada atualmente no mercado de trabalho. Zanin destaca que “uma formação mais humanística na qual o currículo proposto caminha de acordo com o aluno para o qual é proposto, [...] considerando suas singularidades enquanto sujeito do processo, possibilitará [...] a formação para o ensino e para o trabalho [...]” (ZANIN, 2011, p. 294)

É importante destacar que, a formação humanística possibilitará formação para o ensino e para o mercado de trabalho, ou seja, dará a este trabalhador uma formação mais completa. Além disso, esta formação respeita a diversidade, pois discute assuntos que promovem a inclusão e o respeito ao próximo. Atualmente, com a ascensão de grupos de minorias, como mulheres, negros, homossexuais, transexuais, dentre outros, saber dialogar com os mesmos faz-se de extrema importância no mundo do trabalho e essa capacidade pode ser alcançada através da educação humanística.

Enfim, o que se pode concluir é que, os currículos de cursos técnicos precisam estar adequados a realidade dos alunos, buscando formá-los com as competências e habilidades necessárias para a execução das tarefas de trabalho, mas também, com condições de dialogar com as inúmeras peculiaridades que envolvem aquele trabalho sem estar diretamente ligadas a ela. Assim, a educação humanística se apresenta como alternativa, pois forma o trabalhador não apenas para o trabalho, mas também para a sociedade, ajudando-o a dialogar com a diversidade, preparando-o para o ensino e para o trabalho.

## **ANÁLISE CURRICULAR DO CURSO TÉCNICO EM RECURSOS HUMANOS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSOR JOSÉ VEIGA DA SILVA**

Analisando o Plano de Curso do Curso Técnico em Recursos Humanos da Escola “Professor José Veiga da Silva”, percebe-se que o mesmo não se preocupa com uma formação humanística dos

alunos. No trecho que se refere ao perfil do profissional após a conclusão, as seguintes informações são apresentadas:

O Técnico em Recursos Humanos é o profissional habilitado para atuar na gestão de pessoas, na administração e na execução de todas as rotinas de um departamento de pessoal além de ter conhecimento nas áreas de Saúde e Segurança do Trabalho, Legislação, Língua Inglesa e Espanhola, entre outras, podendo, portanto assumir várias outras funções dentro da área administrativa (PLANO DE CURSO TÉCNICO EM RECURSOS HUMANOS, 2011, p. 7).

Os conhecimentos ministrados a estes alunos estão voltados para a área da Saúde, Segurança do Trabalho, Legislação, Línguas estrangeiras, mas não educação humanística. Falta a esse profissional, que irá atuar com pessoas, uma educação voltada ao conhecimento das organizações sociais. Como já citado anteriormente nesse trabalho, Ramos (2005, apud ZANIN, 2011 ) destaca que, um profissional precisa obter conhecimento em todas as áreas, pois seu trabalho, direta ou indiretamente, sofrerá interferência de áreas que não estão diretamente ligadas a ele, como situações ambientais e sociais, precisando então, de conhecimentos nessas áreas para conseguir desempenhar suas funções. No quesito das relações interpessoais, o mesmo trecho do plano de curso traz as seguintes características para o futuro técnico em recursos humanos:

Nos relacionamentos interpessoais o técnico em recursos humanos deverá apresentar facilidade de comunicação, iniciativa e compreender a natureza humana, quanto às interações sociais, além disso, deve ter o espírito empreendedor e ser um profissional capaz de: Recrutar, selecionar, admitir e demitir funcionários; Elaborar uma política de remuneração; Efetuar cálculos como folha de pagamento, férias, 13º. entre outros; Elaborar programa de cargos e salários; Gerir de forma pró-ativa os recursos humanos da organização; Manter a administração ciente quanto às obrigações administrativas, jurídicas e fiscais; Fazer a ligação entre os colaboradores e a administração da empresa; Coordenar e executar todas as rotinas de um departamento de pessoal; Desenvolver projetos de socialização e humanização entre os colaboradores; Atuar de forma participativa com o todo organizacional, colaborando no alcance dos objetivos da empresa; Planejar e administrar seu tempo e tarefas, buscando a qualidade no desenvolvimento do trabalho com sua chefia ou departamento; Organizar arquivos e informações departamentais; Redigir textos e documentos administrativos; Investir no próprio desenvolvimento, mantendo-se em permanente atualização; Proceder de forma ética no exercício de suas funções, de acordo com as normas e procedimentos enunciados no código de ética profissional (PLANO DE CURSO TÉCNICO EM RECURSOS HUMANOS, 2011, p. 7-8).

Pelo que se pode perceber, espera-se muito do técnico em recursos humanos: que o mesmo seja bom comunicador, compreendendo a natureza humana e as interações sociais. Para que estes quesitos sejam desenvolvidos com êxito, seria necessário que, o profissional recebesse formação humanística, uma vez que, as interações sociais e a natureza humana passam por estes conceitos.

Desde a Pré-História até os dias atuais, algumas características do relacionamento humano não se modificaram, ao contrário, mudaram de contexto, mas não o comportamento em si. O desejo humano de dominar o outro e a natureza, a necessidade de se sentir superior, a competitividade, que nem sempre foram aspectos positivos, mas que estão presentes nos relacionamentos humanos, bem como o oposto disso, a capacidade de viver em grupo, de aceitar diferenças do outro, a



solidariedade, enfim, aspectos do comportamento humano que possibilitou a dominação humana no planeta, o desenvolvimento das sociedades e a evolução tecnológica.

A educação humanística, com disciplinas voltadas para as ciências sociais, possibilitaria ao futuro técnico em recursos humanos compreender melhor o comportamento humano, pois conheceria as implicações do mesmo desde o princípio dos tempos, entendendo que algumas coisas são temporárias e outras são intrínsecas da espécie.

Analisando o currículo do curso percebe-se que essa falha está presente. O curso tem um total de 810 horas e está dividido em três módulos. No primeiro módulo, a única disciplina de caráter humanístico presente é “Ética e Comportamento Humano I”, com duas aulas semanais, perfazendo um total de 36 horas/aulas no módulo. No segundo módulo, a disciplina humanística presente é “Relações Interpessoais I”, também com duas aulas semanais e 36 horas/aulas no módulo. No terceiro e último módulo, os alunos cumprirão as disciplinas “Ética e Comportamento Humano II” e “Relações Interpessoais II”, onde a primeira apresenta duas aulas semanais e um total de 36 horas/aulas no módulo e a segunda apresenta 1 aula semanal e 18 horas/aulas no módulo.

A ausência dessas disciplinas também foi comprovada em pesquisa qualitativa realizada com os alunos do curso. Participaram da pesquisa 11 alunos, com faixa etária entre 18 e 52 anos. Os mesmos se identificaram. Fica claro que, o público atendido por este curso é bem diversificado de gerações, atendendo desde o aluno recém saído do ensino médio até outros com vasta experiência profissional.

A primeira pergunta da pesquisa era: “*Você tem interesse em atuar na área que está estudando?*” Todos responderam afirmativamente. A segunda pergunta da pesquisa era: “*Como você avalia o desenvolvimento das disciplinas do seu curso de RH?*” 82% dos alunos opinaram que o desenvolvimento foi bom enquanto 18% dos alunos acreditam ser insuficiente. Apesar da maioria dos entrevistados acreditarem que a formação foi suficiente existe uma pequena porcentagem de alunos que gostariam de uma formação mais completa.

#### Como você avalia o desenvolvimento das disciplinas do seu curso de RH?



GRÁFICO 1 – Resposta à segunda pergunta.

Na terceira pergunta da entrevista, “*As disciplinas desenvolvidas durante o curso de RH ofereceu a formação necessária para desenvolver a cidadania?*”, 73% dos alunos defendem que sim enquanto 27% acreditam que o desenvolvimento da cidadania aconteceu parcialmente. Novamente, percebe-se uma porcentagem, ainda que pequena, desejando melhorar sua formação em recursos humanos.

**As disciplinas desenvolvidas durante o curso de RH ofereceu a formação necessária para desenvolver a cidadania?**



GRÁFICO 2 – Resposta à terceira pergunta.

Já na quarta pergunta, “*As tensões existentes no campo do trabalho podem ser analisadas como resultados de uma formação deficiente?*” 55% acreditam que as tensões do trabalho são parcialmente causadas pela formação deficiente; 27% culpam a formação pelas tensões e 18% acreditam que as tensões não são causadas por uma formação deficiente. Nessa pergunta fica claro que os alunos acreditam que os problemas futuros poderão não ser bem resolvidos graças a uma formação deficiente, ou seja, mesmo nas perguntas anteriores onde a maioria dos entrevistados afirmam que a formação foi suficiente, a maioria deles, nessa resposta, revelam que os problemas no trabalho são frutos da ineficiência da formação, uma contradição entre os entrevistados.

**As tensões existentes no campo do trabalho podem ser analisadas como resultados de uma formação deficiente?**

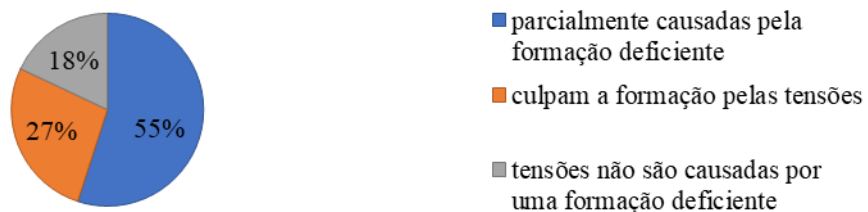


GRÁFICO 3 – Resposta à quarta pergunta.

A resposta à quinta pergunta, que era “*As disciplinas que atentam para as relações humanas na sociedade podem melhorar sua formação enquanto técnico de Recursos Humanos?*” foi unânime: todos responderam que as disciplinas podem melhorar sua formação. Novamente, a maioria dos

entrevistados entra em contradição, pois nas perguntas anteriores, disseram que a formação recebida foi suficiente.

A sexta pergunta, “*Você se sente preparado para atuar como um técnico em Recursos Humanos, levando em consideração todas as problemáticas existentes nas relações humanas?*” Também teve uma resposta unânime: todos os entrevistados dizem estar parcialmente preparados para exercer suas funções como técnicos em Recursos Humanos. Novamente, vê-se a contradição apontada anteriormente, pois, se não estão completamente preparados para o mundo do trabalho significa que não receberam a formação adequada durante o curso.

A sétima pergunta traz uma série de disciplinas que poderiam ser sugeridas para o curso de Recursos Humanos (*Dentre as disciplinas listadas abaixo, marque com x aquelas que gostaria de sugerir para o curso de Recursos Humanos*). As disciplinas sugeridas eram: psicologia, sociologia, antropologia e filosofia. Também havia um espaço para que os mesmos sugerissem outra disciplina não citada na pesquisa. 82% dos entrevistados escolheram apenas uma disciplina, enquanto 18% sugeriram mais de uma disciplina. 82% sugeriram o acréscimo da disciplina de Psicologia, 27% sugeriram a disciplina de Sociologia e 9% sugeriram a disciplina de Antropologia. No campo da sugestão de disciplinas indicada pelos entrevistados apenas dois entrevistados deram suas sugestões, acrescentando as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática Básica e Financeira.

**Dentre as disciplinas listadas abaixo, marque com x aquelas que gostaria de sugerir para o curso de Recursos Humanos**



GRÁFICO 4 – Resposta à sétima pergunta.

Por essa questão, novamente fica claro que os entrevistados gostariam de ampliar sua formação, não somente na área da educação humanística, quando sugeriram a inclusão das disciplinas de psicologia, sociologia e antropologia, mas também com disciplinas da educação básica, quando sugeriram as disciplinas de língua portuguesa e matemática.

A oitava questão do questionário pedia sugestões para a melhoria do curso: “*Quais as suas sugestões para melhorar ainda mais a formação dos estudantes que cursam Recursos Humanos?*”

A maioria dos entrevistados não preencheram esse campo, somente três alunos trouxeram sugestões. Um sugeriu “aulas dinâmicas, para que as aulas não se tornem desgastantes para os

*Revista Ifes Ciência, v.4, n.2, 2018 – Instituto Federal do Espírito Santo*

alunos”. Outro entrevistado sugeriu “ter mais rigor, pois o uso do celular na sala de aula, que foi proibido no início do curso, ficou como esquecido, faltando cobrança da escola.” O terceiro entrevistado que apresentou as seguintes sugestões: “investimento em professores bem preparados para que saibam passar seus conhecimentos e abertura de visitas técnicas em empresas de grande e médio porte para os alunos.”

Nesse comentário, fica claro a ausência de visitas técnicas e estágio na formação em recursos humanos oferecida. Na matriz curricular não consta a disciplina de estágio supervisionado. O plano de curso diz que

O estágio previsto não é obrigatório e poderá acontecer em empresas da comunidade local em forma de observação, participação e ou contratação tendo como objetivo propiciar ao aluno aprendizado e vivência profissional em situação real de trabalho, possibilitando percepção efetiva sobre o campo de atuação e deverá ser realizado em concomitância com o desenvolvimento dos componentes curriculares (PLANO DE CURSO TÉCNICO EM RECURSOS HUMANOS, 2011, p. 10).

Se o estágio fica a cargo dos alunos é muito provável que, pouquíssimos alunos vão se despertar para realizar o mesmo. Isso torna o curso ainda mais fraco e os técnicos em recursos humanos despreparados para exercerem suas funções no mercado de trabalho. Sabe-se que, em uma formação técnica, o estágio é essencial, já que mesmo contribuirá na formação prática dos estudantes. ensinar o aluno a trabalhar.

É importante ressaltar que, a pesquisa revela o desejo dos alunos do curso em ampliar sua formação. Seria interessante se o curso incluísse mais um módulo onde os conteúdos humanísticos, como psicologia, sociologia, antropologia e história das relações humanas fossem acrescentados a matriz curricular, além do estágio supervisionado, fundamental para a formação técnica.

## CONCLUSÃO

Após análise bibliográfica e curricular, além da pesquisa qualitativa realizada, fica claro que, o curso técnico em Recursos Humanos da Escola Estadual “Professor José Veiga da Silva” não prioriza a educação humanística, ao contrário, apresenta apenas duas disciplinas, Ética e Comportamento Humano I e II e Relações Interpessoais I e II, o que é pouco segundo os autores citados, bem como segundo os próprios alunos através da entrevista realizada.

Apesar da maioria dos entrevistados dizerem que a formação recebida no curso dentro da área de recursos humanos e cidadania é suficiente, os mesmos não se sentem completamente preparados para exercer suas funções como técnicos em recursos humanos no mundo do trabalho. Isso revela que, existe um déficit no conteúdo ministrado em sala de aula que, como os próprios alunos

revelaram em suas respostas, poderia ser diminuído com o acréscimo de disciplinas como psicologia, sociologia e antropologia.

Enfim, a análise bibliográfica vem de encontro com essa pesquisa, uma vez que, os autores citados, desde Marx, Engels e Gramsci aos autores atuais, Saviani, Frigotto, Freire e Carvalho, dentre outros, revelam a importância da educação humanística nos cursos técnicos a fim de formar não apenas mão de obra para o mercado de trabalho, mas, principalmente, formar cidadãos críticos e responsáveis, conscientes de seu papel na sociedade enquanto trabalhadores e enquanto seres humanos.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BECEVELLI, Indiana Reis da Silva. Educação e Inclusão e a Relação Trabalho, Cultura, Ciência e Tecnologia. In: MEDEIROS, I. M. C. *et AL.* (org.). **Diálogos sobre a Educação Profissional e Tecnológica: saberes, metodologias e práticas pedagógicas**. Colatina-ES: IFES, 2011, p. 171-192.
- BECEVELLI, Indiana Reis da Silva. Organização do Trabalho Pedagógico na EPT: Desafios e Possibilidades. In: MEDEIROS, I. M. C. *et AL.* (org.). **Diálogos sobre a Educação Profissional e Tecnológica: saberes, metodologias e práticas pedagógicas**. Colatina-ES: IFES, 2011, p. 261-283.
- CARNOY, Martin. **Educação, economia e Estado** (base e superestrutura, relações e mediações). Trad. Dagmar M. L. Zibas. São Paulo, Cortez Autores Associados, 1984. Disponível em <file:///C:/Users/LARYSSA/Downloads/39125-79024-1-PB.pdf>
- CARVALHO, Edgar. Educação e Trabalho no Brasil: A formação do Trabalhador para Além da Qualificação. In: MEDEIROS, I. M. C. *et AL.* (org.). **Diálogos sobre a Educação Profissional e Tecnológica: saberes, metodologias e práticas pedagógicas**. Colatina-ES: IFES, 2011, p. 193-222.
- FISCHER, Maria Clara Bueno; FRANZOI, Naira Lisboa. Formação Humana e educação Profissional: Diálogos possíveis. **Educação, Sociedade & Cultura**, nº 29, 2009, p. 35-51.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez e Aut. Associados, 1985.
- MATOS, Aécio Gomes. Alienação no serviço público. *Psicol. cienc. prof.* vol.14 no.1-3 Brasília 1994. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931994000100006&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931994000100006&script=sci_arttext&tlng=pt)>
- MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- PLANO DE CURSO TÉCNICO EM RECURSOS HUMANOS (ESTADO DO ESPÍRITO SANTO). Secretaria Estadual de Educação. Superintendência Regional de Cachoeiro de Educação. **Escola Estadual de Ensino Médio “Professor José Veiga da Silva”. Plano de Curso Técnico em Recursos Humanos**. Eixo Tecnológico: Gestão e Negócios. Habilitação: Técnico em Recursos Humanos. Criado pela Portaria nº 032-R de 01/04/2004. Marataízes. 2011.
- RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: Fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, jan./abr., vol.12, número 034. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, 2007.

SOARES, Eliane Pesente. Formar pessoas ou formar para o mercado? In: MEDEIROS, I. M. C. *et AL.* (org.). **Diálogos sobre a Educação Profissional e Tecnológica: saberes, metodologias e práticas pedagógicas**. Colatina-ES: IFES, 2011, p. 125-139.

ZANIN, Larissa Fabrício. Educação Profissional e Currículo Integrado: Caminhos e Desafios. In: MEDEIROS, I. M. C. *et AL.* (org.). **Diálogos sobre a Educação Profissional e Tecnológica: saberes, metodologias e práticas pedagógicas**. Colatina-ES: IFES, 2011, p. 285-306.

## ANEXOS

### ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

HABILITAÇÃO:	TECNICO EM RECURSOS HUMANOS
CARGA HORÁRIA:	810 HORAS
HORA AULA:	60 MINUTOS
TURNO:	NOTURNO
Nº DE SEMANAS:	18 SEMANAS POR MÓDULO

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL: LDB Nº. 9394/96 PARECER CNE/CEB Nº. 16/99 E RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº. 04/99 DECRETO Nº. 5.154/04 – PARECER CNE / CEB Nº 11/08 – RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 03/08

### Estrutura Básica da Organização Curricular (verso do diploma)

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	Módulo I	18 semanas	
	Disciplinas	QT Aulas	Carga Horária
	Ética e Comportamento Humano I	02	36
	Inglês Técnico I	02	36
	Administração I	02	36
	Comunicação Empresarial	02	36
	Gestão de Rotinas de Departamento de Pessoal I	02	36
	Legislação Trabalhista I	02	36
	Informática Aplicada a Sistemas de Recursos Humanos I	01	18
	Legislação Previdenciária I	02	36
	<b>Total Geral do Módulo</b>	<b>15</b>	<b>270</b>
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	Módulo II	18 semanas	
	Disciplinas	QT Aulas	Carga Horária
	Inglês Técnico II	02	36
	Espanhol	02	36
	Gestão de Rotinas de Departamento de Pessoal II	03	54
	Relações Interpessoais I	02	36
	Informática Aplicada a Sistemas de Recursos Humanos II	01	18
	Estatística	02	36
	Legislação Previdenciária II	03	54
	<b>Total Geral do Módulo</b>	<b>15</b>	<b>270</b>
AÇÃO PROFISSIONAL	Módulo III	18 semanas	
	Disciplinas	QT Aulas	Carga Horária
	Ética e Comportamento Humano II	02	36

Administração II	02	36
Legislação trabalhista II	03	54
Relações Interpessoais II	01	18
Informática Aplicada a Sistemas de Recursos Humanos III	01	18
Ambiente, Saúde e Segurança no Trabalho	03	54
Administração de Recursos Humanos	03	54
<b>Total Geral do Módulo</b>	<b>15</b>	<b>270</b>
<b>Total Geral</b>		<b>810</b>

### Entrevista sobre Educação Humanística - Alunos

Prezado/a aluno/a, esse questionário tem como objetivo analisar pontos referentes ao curso de Recursos Humanos. Por favor, responda ao questionário e se quiser deixe suas sugestões no final da entrevista.

Idade:

1. Você tem interesse em atuar na área que está estudando?

Sim  Não

2. Como você avalia o desenvolvimento das disciplinas do seu curso de RH?

Bom  Ruim  Insuficiente

3. As disciplinas desenvolvidas durante o curso de RH ofereceu a formação necessária para desenvolver a cidadania.

Sim  Não  Parcialmente

4. As tensões existentes no campo do trabalho podem ser analisadas como resultados de uma formação deficiente?

Sim  Não  Parcialmente

5. As disciplinas que atentam para as relações humanas na sociedade podem melhorar sua formação enquanto técnico de Recursos Humanos?

Sim  Não  Parcialmente

6. Você se sente preparado para atuar como um técnico em Recursos Humanos, levando em consideração todas as problemáticas existentes nas relações humanas?

Sim  Não  Parcialmente

7. Dentre as disciplinas listadas abaixo, marque com x aquelas que gostaria de sugerir para o curso de Recursos Humanos:

Psicologia

Sociologia

Antropologia

Filosofia

Relações Humanas

Se quiser indique mais: \_\_\_\_\_

**8.** Quais as suas sugestões para melhorar ainda mais a formação dos estudantes que cursam Recursos Humanos?

---

---

---

---